



Sociedade Cultural e Educacional de Garça
Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF

Revista Científica Eletrônica de Pedagogia da FAEF

ISSN 1678-300X

Ano XX – Volume 1 – Número 36 – 1/2021

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA E A IMPORTÂNCIA DO CONCRETO

MOREIRA, Danielle Aparecida Cardoso¹
AZEVEDO, Antulio José²

RESUMO: Este estudo dedica-se à descrição de aspectos relevantes em torno do desenvolvimento da linguagem escrita e de algumas de suas principais e inerentes características, especialmente apuradas nos estudos de Emília Ferreiro e de Ana Teberoski, bem como acerca da ação do mediador para o processo de alfabetização. Considerando que a escrita mantém contribuições significativas para a interação da criança com o contexto, ampliando, assim, sua visão de mundo e o favorecimento de competências leitoras, explorar as principais referências bibliográficas alusivas ao tema resulta em tarefa imprescindível tanto para educadores quanto para futuros profissionais ora acadêmicos de cursos de Pedagogia.

Palavras-chave: leitura; escrita; aprendizagem.

ABSTRACT: This study is dedicated to the description of relevant aspects regarding the development of written language and some of its main and inherent characteristics, especially ascertained in the studies of Emilia Ferreiro and Ana Teberoski, as well as about the mediator's action for the process of literacy. Considering that writing maintains significant contributions to the children's interaction with the context, thus broadening their worldview and favoring reading skills, exploring the main bibliographical references referring to the theme results in an indispensable task for both educators and future professionals now academics of Pedagogy courses.

Keywords: reading; writing; learning.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa dedicar-se-á a apresentação de breves considerações sobre o desenvolvimento da escrita e sua importância para a aquisição do conhecimento. Para isso, será realizada uma verificação bibliográfica, referendando autores que relatam e discutem a temática abordada. Então, de forma simplificada, serão enunciadas questões que

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, na Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF), Garça/SP.

² Docente no curso de Pedagogia, na Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF), Garça/SP.

proporcionarão uma melhor compreensão da construção da escrita e da contribuição do concreto para esta aprendizagem.

A aquisição da leitura e escrita é uma das fases que mais inquieta os professores, pois é ela que abre caminhos para os novos saberes e habilidades dos educandos. Dessa forma, não é possível passar por esse momento tão cheio de significados e valores sem considerá-lo a fundo; é preciso torná-lo relevante e motivador para os alunos. Nesse caso, é fundamental a reflexão sobre a própria prática pedagógica, igualmente substanciada pela busca de recursos e estratégias que garantam ao aluno a alfabetização e o letramento.

Nesse ponto está a importância e a necessidade de se aprofundar na forma de trabalhar com nossos alunos, deve-se cuidar ao escolher o método de ensino a ser utilizado e de como aplicá-lo. Esse deve incentivar e motivar o educando em sua escolarização, para que o processo se torne interessante e eficaz. (CORREIA; FERREIRA, 2016, p. 03)

A escolha do método adotado pelo professor deve ser bem ponderado e avaliado, cabendo aos pedagogos a decisão da melhor estratégia para a sala de aula, analisando os alunos e conhecendo as técnicas e os artifícios.

Pensando nessas considerações, sucintamente, serão encaminhadas discussões e reflexões a respeito da construção da leitura e escrita, respaldadas da apresentação sintética de alguns métodos de alfabetização e letramento.

2 A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Para Ferreiro (2008), a leitura e a escrita são atos de comunicação verbal, sendo elas influenciadas pelo sistema alfabético e pela cultura social; por meio delas, o indivíduo registra informações adquiridas durante toda a sua vida.

A aprendizagem da leitura e da escrita se constrói gradativamente e se desenvolve mediante as interações.

Nessa seara, há um destaque para que a escola propicie, desde o início da escolarização, o contato da criança com diferentes tipos de leitura e escrita, inserindo-a em

situações nas quais lhe seja facultado explorar diversos formatos textuais, permitindo-lhe, assim, pouco a pouco, a familiarização com cada um deles.

Evidente que, respeitados os ritmos de aprendizagem, o aluno pode não vir a aprender de imediato as especificidades de cada categoria a que for exposto; logo, cada qual pode interpretar a escrita conforme seu nível, buscando não se atentar, exclusivamente, para a correção ortográfica, ficando valorizadas as primeiras expressões e os significados construídos ao longo dos primeiros contatos com a alfabetização (FERREIRO, 1999).

Analisando sob tal enfoque e ancorado na compreensão de que a criança começa a conceber a sistematização da escrita muito antes de ingressar no ambiente escolar, Emilia Ferreiro e Ana Teberoski constataram que no percurso da consubstanciação da alfabetização, a criança, inicialmente, transpõe o nível pré-silábico, então subdividido em outras duas paragens: estágio 1 e estágio 2.

No primeiro desses estágios, o indivíduo possui seu traçado como linhas e formas caracterizadas por ondas; por exemplo, a letra M, escrita em letra cursiva, e, até mesmo a aparição de figuras, tendo significado apenas para a criança. Nessa fase, o leitor não consegue distinguir figuras e escrita, com isso, sua escrita apresenta certa diversidade de caracteres. O registro das palavras é relacionado ao tamanho do animal ou do objeto a que se está referindo. Exemplificando: a palavra elefante é grafada de forma gigante, enquanto formiga é redigida com letras minúsculas. Já no segundo nível, a criança apresenta, em sua escrita, letras de seu nome ou de pessoas conhecidas, variando a quantidade delas consoante o som das sílabas da palavra; nesse estágio, predomina a escrita em caixa alta (PICOLLI; CAMINI, 2013).

Nessa trajetória, com o avanço do desenvolvimento do educando, manifestam-se as hipóteses silábicas, que derivam de situações em que as crianças registram as letras de acordo com o som de cada sílaba da palavra inscrita; decorre-se, então, um segundo nível, o silábico, em que o aluno começa a projetar relações da fala com a escrita, como em ATO (gato).

A escrita vai tomando forma, alcançando, pois, o momento pré-alfabético, o terceiro nível, quando a criança começa a entender que a escrita é a representação de símbolos referentes a seus respectivos sons, embora ainda apresente uma expressiva quantidade de letras irregulares: exemplo KAVLO (cavalo). E, por último, já com a escrita mais consolidada,

entra em cena o quarto nível, com a análise fonética, já conectando o som de cada letra com seu símbolo, apresentando apenas erros ortográficos e conduzindo à alfabetização (PICOLLI; CAMINI, 2013).

Quanto ao letramento, o termo surgiu, pela primeira vez, na década de 80, na voz de Mary Kato, em seu livro “No mundo da escrita”. Trata-se de uma palavra ainda não dicionarizada, cujo sentido, por inferência, remete ao estado ou à condição que o indivíduo passa a ter no momento que se envolve nas práticas sociais de leitura e escrita.

Na opinião de Tfouni (1995), letramento é abalizado como:

[...] o confronto com a alfabetização e reafirma: enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

Enquanto Soares (1998) deslinda letramento “[...] como resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever”.

Portanto, letramento são as consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade como resultado de aprender a ler e escrever.

Assim, quando um indivíduo sabe ler, mas não compreende sequer textos curtos, subentende-se haver um nível baixo de letramento, demonstrando que a pessoa possa ser apenas alfabetizada; no entanto, na medida em que ela aprende a lidar com diferentes materiais de leitura e de escrita, mais letrada ela se torna.

Se o leitor é capaz de ler, por exemplo, bulas de remédio, rótulos de embalagens, tirinhas ou produzir bilhetes, logo denota-se um nível de letramento suficiente para seu dia-a-dia.

Importante evocar que os caixas eletrônicos possuem uma linguagem denominada letramento digital, requerendo a compreensão e interação dos usuários desses serviços; do contrário, a pessoa não estará apta a servir-se, adequadamente, dos recursos disponibilizados.

Os espaços escolares revelam-se, assim, protagonistas para as práticas de letramento; é neles que os indivíduos, além da leitura dos textos do cotidiano, passam a ter contato com materiais mais elaborados e diversificados.

É preciso que o educador planeje bem suas aulas, lançando mão de novas práticas de ensino para que o nível de letramento dos alunos se alargue, e cada qual seja capacitado ao enfrentamento de todas as formas de leituras, inclusive as mais complexas com que se deparará ao longo de sua vida.

3 A IMPORTÂNCIA DO CONCRETO PARA A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

A escola é o lugar privilegiado para a promoção do conhecimento dos educandos; é pelas intervenções com os professores que ocorre a aprendizagem significativa, e um dos recursos franqueados ao educador para compor o movimento da alfabetização está, justamente, na opção pelo uso de material concreto, que possibilita influências na aprendizagem dos alunos, favorecendo o desenvolvimento da coordenação, do raciocínio lógico, da rapidez no pensamento dedutivo, na socialização e na concentração acerca do elementar para a compreensão e, conseqüente, alfabetização.

Segundo Vygotski (2003), a base do processo educativo está na atividade pessoal do aluno, e toda a arte do educador deve se restringir a orientar e regular essa atividade. À vista disso, a criança, por via de regra, necessitará de auxílio, orientação e de apoio do mediador. Para construir uma aprendizagem mediadora, o professor deve conhecer a realidade cultural e social do aluno, para, assim, contribuir para uma alfabetização significativa, em que o aluno compreenderá a primordial dimensão de saber ler e escrever em nossa sociedade, sendo assim é de extrema importância refletir sobre sua prática pedagógica, a fim de estruturá-la para possibilitar aos alunos aulas mais interessantes e motivadoras em que os levem a sucessivas descobertas.

Reportando novamente a Ferreiro e Teberosky (1999), as autoras afirmam que o ambiente escolar deve oportunizar inúmeras experiências, favorecendo a interação com diversas contingências de leitura e escrita, com a presença de um mediador que saiba ler e escrever – no caso, o professor; desse modo, o processo de alfabetização se torna mais significativo para o aluno, dando a oportunidade para a autorreflexão do exercício da escrita na sociedade contemporânea.

Alfabetizar não é apenas proporcionar o conhecimento das letras, para, posterior, decodificação; antes, contempla a interpretação da escrita, compreendendo seu sentido e seus potenciais significados. Para tanto, o mediador pode oferecer aos educandos vários tipos de leitura, despertando a criatividade e realizando conexões entre a aprendizagem e o que foi vivenciado (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Nesse diapasão, recorda-se a recomendação do poeta Drummond: “Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para formação do homem”.

Os métodos tradicionais não mais atraem a atenção dos alunos que querem interagir, questionar, participar e não conseguem ficar por muito tempo sentados, apenas como ouvintes, realizando atividades sem sentido; por conseguinte, ao professor é inevitável (urgentemente) criar estratégias pedagógicas que favoreçam o processo ensino aprendizagem de forma significativa.

Daí a importância de deixar a criança agir por si mesma e substituir grande parte das aulas expositivas por oficinas onde ela possa experimentar, descobrir como as coisas funcionam, criar novas soluções, para depois discutir com o professor e sistematizar seu conhecimento. (OLIVEIRA, 2010, p. 15)

A aprendizagem ocorre com maior êxito quando possibilita ao aluno conhecer, descobrir, criar, refletir, interagir, promovendo a aquisição do próprio conhecimento, com recursos favoráveis no processo ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ferreiro (2004, p. 47) analisa que a “[...] a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Em outras palavras: a maioria das crianças, antes de adentrar na escola, por ter contato com a escrita, já formulou algumas hipóteses referentes a essa representação (a escrita),

demonstrando que tal processo não encerra num período, fomentando avanços no decorrer de toda a escolarização.

O professor, antes de ensinar, deve procurar verificar como o aluno aprende, afinal o acúmulo de informações e de atividades repetitivas não geram, necessariamente, conhecimento. O educando assimila aquilo que é significativo para ele e, na alfabetização, não é diferente. O professor precisa trabalhar com situações impregnadas de significado no contexto das práticas de leitura e escrita, levando o aluno a compreender as funções da escrita na sociedade, orientando atividades que despertam o interesse e a curiosidade em compreender o sistema de representação linguística, sendo necessário, então, o contato com uma variedade de materiais na qual a escrita se faz presente, pois, como observa Ferreiro (2004, p.39), “[...] o objeto deve estar presente para que alguém possa elaborar conhecimentos sobre esse objeto”.

Eis o ponto em que sobrevém a eminente necessidade de propostas de trabalho para alfabetização, de tal modo que sejam envolvidas teoria e a prática, em um espaço apto de gerar reflexões acerca da construção do conhecimento.

É preciso testar as hipóteses, favorecendo essa construção do conhecimento de maneira desafiadora, permitindo ao aluno o contato com diversos materiais escritos, contribuindo para a saliente aquisição da leitura e escrita.

A alfabetização passa ser uma tarefa interessante, que dá lugar a muita reflexão e a muita discussão em grupo. A língua escrita se converte em objeto de ação e não de contemplação. É possível se aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la. É precisamente a transformação e a recriação que permitem uma real apropriação. (FERREIRO, 2004, p. 47)

Infelizmente, porém, muitas práticas de leitura e escrita ainda seguem sendo praticadas de modo descontextualizado, não mantendo função alguma comunicativa ou de informação, estando presente somente para ser reproduzida e não para ser compreendida, sendo o aluno apenas um mero reproduzidor desse conhecimento e, em consequência, temos alunos que não conseguem interpretar ou argumentar um texto simples. Portanto, é

imperioso que o professor estimule os alunos a se expressarem e se comunicarem por meio da escrita, em igual medida em que os exorte e encoraje a refletirem sobre suas produções.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Karina; ROSSI, Karla; RODRIGUES, Fabiana. **O processo de alfabetização segundo Emilia Ferreira**. Garça: Revista Eletrônica de Pedagogia FAHU, 2008.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____; TEBEROSKY, Ana. **Psicogêneses da língua escrita**. Porto Alegre: 1999.

KLEIMAN, Angela. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: KLEIMAN, Angela. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. *Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação*. In: ROJO, Roxane. (org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **Jogos de regras e a resolução de problemas**. 4. ed. Petrópolis, R.J: Vozes 2010.

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

SOARES, Magda. *Letramento: como definir, como avaliar, como medir*. In: SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Psicologia Pedagógica**. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.